

SOBRE O MANIFESTO COMUNISTA OU DA INSPIRAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Pericles Silva Gomes*

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão em torno do *Manifesto Comunista* e uma breve análise do contexto em que foi escrito e as suas implicações políticas e sociais na Europa de 1848 e, por fim, no mundo inteiro. Mostraremos também como os ideais revolucionários defendidos pelos jovens filósofos alemães se consolidaram como sendo o documento político mais importante que se tem conhecimento. Por fim, deixaremos claras as razões pelas quais ele – O *Manifesto* – ainda está vigoroso, forte e sempre atual.

Palavras-chave: Manifesto. Comunismo. Capitalismo. Revolução. Marx.

5

1. INTRODUÇÃO

Existem diversos pensadores que marcaram radicalmente os séculos XIX e XX, podemos citar: Sigmund Freud (1856-1939), pai da psicanálise, ciência esta que revolucionou o estudo da mente humana; Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, que desenvolveu uma teoria evolutiva que está na base da moderna teoria da evolução das espécies e ocorre por meio da seleção natural; Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão, travou uma bravata contra a metafísica, insurgiu contra valores absolutos do mundo ocidental, desferiu golpes nos sistemas filosóficos, morais e religiosos com a sua filosofia do martelo.

No entanto, nenhum dos três pensadores acima mencionados, influenciou e continua a influenciar tanto o mundo ocidental com a magnitude de Karl Marx (1818-1883), filósofo alemão, pai do socialismo

* Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e pelo Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNV). E-mail: pericleskinho@hotmail.com.

científico – marxismo¹ – e isso com toda a benemerência que lhe cabe. Seus trabalhos influenciaram diversas áreas do saber humano, tais como a sociologia, a economia, a filosofia, a história, a crítica literária e a psicologia. Incontestavelmente, Karl Marx é um dos mais influentes pensadores de todos os tempos. Debruçou-se sobre a engenharia do sistema capitalista que imperava em toda a Europa e vaticinou – até o presente momento erroneamente - a sua queda.

Na décima primeira de suas *Teses sobre Feuerbach* (1845), Marx dispara contra toda a filosofia de seu tempo, acusando os filósofos de serem apenas intérpretes do mundo, fugindo daquilo que é central: transformá-lo. Podemos afirmar que na prática de sua vida, exatamente isso que o barbudo alemão fez, escreveu, militou e defendeu a *práxis* como solução para combater a luta de classes. Isto fica muito evidente no seu *Manifesto Comunista* de 1848, escrito em parceria com seu amigo Friedrich Engels (1820-1895). É sobre o *Manifesto Comunista* que este presente trabalho procurar versar, sobre a sua relevância nos dias atuais, mesmo após quase 170 anos da sua publicação. Mas antes de compreendermos a sua força, a sua eficácia e a sua influência nos dias de hoje, é necessário responder a uma pergunta essencial: afinal, o que é o Comunismo?

6

2. O COMUNISMO

O Comunismo é a grande teoria revolucionária desenvolvida por Marx, não que esta teoria seja apenas fruto de elucubrações do filósofo alemão, no entanto, a *práxis* revolucionária é o fruto dessa formidável teoria. Convém ressaltar ainda que não se pretende esgotar aqui o que seja o Comunismo, muito menos apresentar uma explicação do que venha a sê-lo hoje e suas principais características, mas apenas, mostrar alguns pontos básicos, a fim de que, qualquer leigo neste assunto, seja capaz de

¹ A palavra “marxismo” era desconhecida durante a vida de Marx. É famoso o comentário de Marx, transmitido por Engels, de que “sei apenas que não sou marxista”, feito em relação a certas frases de seu genro Paul Lafargue. É impossível, evidentemente, deduzir disso que Marx, em princípio, rejeitava a ideia de que um sistema teórico emergisse de sua obra, mas é evidente que ele não tinha a pretensão de oferecer uma visão de mundo global. O pensamento de Marx e de Engels começou a ser desenvolvido nesse sentido durante o período da Segunda Internacional. Assim, Plekhanov (1894) escreveu que “o marxismo é toda uma visão do mundo” e introduziu a expressão “materialismo dialético” para designá-la. (Cf. Os verbetes “Materialismo” “Materialismo dialético” e “Materialismo histórico” do *Dicionário do Pensamento Marxista*, BOTTOMORE, 2012, p. 376-388).

identificá-lo, para com isso afastar-se – como diria Marx - paulatinamente da alienação².

Karl Marx sempre leitor e admirador de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) filósofo idealista alemão e um dos mais influentes filósofos da modernidade. Com a morte de Hegel (1831), os seus discípulos imediatos dividiram-se em dois grandes grupos, que foram nomenclaturados, posteriormente, de Esquerda e Direita Hegeliana. Marx, a saber, tornou-se o representante mais ilustre da esquerda.

Esta informação é importante, pois como se sabe, Hegel ensinava que a História poderia ser explicada a partir da dialética, com isso tudo passa a ser visto como finito e transitório, ou seja, tudo existe em um tempo equidistante, composto de contradições, isto é, forças que se contrapõem. Hegel acreditava em um progresso geral da humanidade. Isto se dava, segundo ele, desde os tempos mais remotos e perpassava todos os períodos históricos até o presente momento. A partir de sua filosofia da história, a evolução última da humanidade obedeceria aos ditames da razão, pois a razão é a força motriz que conduz a história ao seu apogeu.

Marx estava impregnado dessas ideias hegelianas e valeu-se de muitas delas para criar muitas das suas teorias. No texto *O 18 do brumário de Luís Bonaparte*, Marx, comentando o pensamento de Hegel, acerca da história da humanidade pontuou: “... Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa” (MARX, 2011, p. 25).

Neste fragmento, observa-se certo distanciamento, ou melhor, nota-se uma revisão da dialética de Hegel. Marx não só defendia a dialética da história – e não da razão como pretende a filosofia hegeliana –, mas

² Duas tradições interpretativas fizeram do quase desaparecimento da noção argumento para contestar sua importância filosófica. A fim de relativizar o papel que ela desempenha no pensamento de Marx, o marxismo-leninismo subordinou a alienação à exploração e à contradição entre as forças produtivas e as relações de produção. Quanto à escola althusseriana, ela sublinhou que a alienação está vinculada a uma problemática da essência humana que é incompatível com as teses fundamentais da concepção materialista da história. Nos *Manuscritos de 44*, a alienação é, de fato, interpretada como o processo durante o qual relações sociais determinadas conduzem o homem para uma vida não conforme à sua essência. Mas essa crítica da alienação também desenvolve um tema independente de toda referência à essência humana: devido à sua finitude irreduzível, a existência está sempre ligada à sua exteriorização nos objetos de que ela depende (M¹155-157, 170-172), de sorte que a relação a si está sempre mediada pela exterioridade e, diante de certas condições, a exterioridade pode contestar essa relação a si: “a apropriação como alienação” (M¹109). (Cf. O verbete “Alienação” do *Vocabulário de Karl Marx*, RENAULT, 2010, p. 13-14).

também uma visão materialista desta. Isto significa que, a análise feita por ele, sobre o capitalismo, é em suma, uma tentativa de passagem – Marx acreditava nisso –, da sociedade capitalista³ à sociedade socialista. A concretização desta substituição se daria a partir da vitória dos proletários sobre a burguesia.

O socialismo, como fica notório, seria então o caminho mais seguro para se chegar ao último estágio da sociedade, isto é, ao comunismo. Na sociedade comunista, idealizada por ele, não haveria mais necessidade da existência do Estado, todos os homens seriam iguais e aptos a se realizarem plenamente, pois estaria extinta a divisão das classes sociais.

3. A HISTÓRIA DA LUTA DE CLASSES: BURGUESIA E PROLETARIADO

Marx e Engels acreditavam que só existia um meio para se chegar ao estágio último da história – ao comunismo – e para atingir esta meta deveria minar o capitalismo, pois este favorecia ainda mais a luta de classes. Porque “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (MARX, ENGELS, 2007, p. 40). Para eles, portanto, o que forjou a história construída e constituída, foi justamente a luta de classes. Para os jovens pensadores, essa luta de classes sempre foi contínua e permaneceria assim sendo, caso os burgueses permanecessem no poder.

Leon Trotsky, ucraniano, político, intelectual marxista, escritor e revolucionário bolchevique no nonagésimo aniversário da publicação do Manifesto, escreveu um artigo intitulado, *Noventa anos do Manifesto*

³ Denominação do modo de produção em que o capital, sob suas diferentes formas, é o principal meio de produção. O capital pode tomar a forma de dinheiro ou de crédito para a compra da força de trabalho e dos materiais necessários à produção, a forma de maquinaria física (capital em sentido estrito), ou, finalmente, a forma de estoques de bens acabados ou de trabalho em processo. Qualquer que seja a sua forma, é a propriedade privada do capital nas mãos de uma classe, a classe dos capitalistas, com a exclusão do restante da população, que constitui a característica básica do capitalismo como modo de produção.

A palavra “capitalismo” raramente é usada pelas escolas de teoria econômica não marxistas, como Tawney e Dobb observam. E, mesmo nos textos marxistas, ela é mais ou menos tardia. Marx, embora use o adjetivo “capitalista” e fale de “capitalistas”, não emprega “capitalismo” como substantivo nem no Manifesto comunista, nem no livro primeiro de O Capital. Só em 1877, em sua correspondência com os seus seguidores russos, ele a empregou, em uma análise do problema da transição da Rússia para o capitalismo. Essa relutância quanto ao emprego da palavra “capitalismo” pode ter sido consequência da relativa modernidade desta na época de Marx. O Dicionário Oxford registra o seu aparecimento em 1854, em um texto do romancista inglês William M. Thackeray. (Cf. O verbete “Capitalismo” do *Dicionário do Pensamento Marxista*, BOTTOMORE, 2012, p. 75).

Comunista. Foi neste escrito que ele, comentando o pensamento sobre a luta de classes inferida por Marx e Engels, disse:

Esta tese, que constitui a mais importante conclusão da concepção materialista da História, em pouco tempo transformou-se em elemento da luta de classes. A teoria que trocava o “bem-estar comum”, a “unidade nacional” e as “verdades eternas da moral” pela luta entre interesses materiais, considerados como a força motriz da sociedade, sofreu ataques particularmente ferozes da parte de reacionários hipócritas, doutrinários liberais e democratas idealistas (TROTSKY, 2007, p. 160).

Logo no início do *Manifesto*, Marx e Engels (2007) aprofundam ainda mais a afirmação:

Nas mais remotas épocas da História, verificamos, quase por toda parte, uma completa estruturação da sociedade em classes distintas, uma múltipla gradação das posições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassalos, mestres das corporações, aprendizes, companheiros, servos; e, em cada uma destas classes, outras graduações particulares (MARX, ENGELS, 2007, p. 40).

Dois afirmações estão aí contidas, a primeira afirma que houve desde sempre classes sociais; a segunda afirmação importante e reveladora é que as classes sociais sempre estiveram em luta em si⁴. Para Marx e Engels sempre houve desigualdade e ela tem origem no interior da própria história, pois os detentores do poder – burgueses⁵ – mesmo sendo sempre uma pequena minoria, sempre foram autoritários e arbitrários sobre os proletários, apesar destes serem a maioria abissal.

⁴ Fundamental esta afirmação, contra toda a tradição precedente ou ingênua, uma vez que revela que o processo de formação da sociedade é algo histórico e fruto das lutas de classe e não algo determinado, ontologicamente por um Deus, uma religião ou algo impossível de ser ultrapassado. Ao revelar o motor da história, Marx e Engels entrega a chave do processo revolucionário aos trabalhadores, pois passam a acreditar que a mudança social não é algo impossível, uma vez que nem sempre foi assim.

⁵ Vale aqui a observação de que não foram os autores do *Manifesto Comunista*, mas eu quem estou definindo como “burgueses” todos os detentores de poder em todos os tempos históricos, esta mesma informação se aplica aos proletários, que em seguida eu menciono como sendo os, historicamente, desfavorecidos. Por causa disso, posso incorrer em um anacronismo, porém, acredito que contextualizando o quis dizer, estou livre dessa sentença.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, **opositores e oprimidos têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada**; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito (MARX, ENGELS, 2007, p. 40, grifos nossos).

Para eles, no entanto, nenhuma força foi tão avassaladora e capaz de revolucionar toda maneira de ser, agir, pensar e relacionar, quanto ao do advento da burguesia⁶. A burguesia acabou suplantando o feudalismo e destruiu tudo aquilo que a Idade Média havia levado séculos para estabelecer como valores. Depois da burguesia nada mais se sustentou: “Onde passou a dominar, destruiu as relações feudais, patriarcais e idílicas. Dilacerou sem piedade os laços feudais, tão diferenciados, que mantinham as pessoas amarradas a seus “superiores naturais” (MARX, ENGELS, 2005, p. 10)⁷.

Neste mesmo contexto de crítica à burguesia, os filósofos revolucionários afirmam que, ela simplesmente trocou de posição com a classe anterior: “Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituía as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio” (MARX, ENGELS, 2007, p. 42). Porém, apesar da força descomunal que, a burguesia angariou, eles vaticinaram – como já dissemos – a sua decadência. Por isso, são taxativos ao dizer: “A burguesia, porém, não se limitou a forjar as armas que lhe trarão a morte; produziu também os homens que lhe empurrarão essas

10

⁶ Em seus *Princípios do comunismo* (1847), Engels definiu burguesia como “a classe dos grandes capitalistas que, em todos os países desenvolvidos, detém, hoje em dia, quase que exclusivamente, a propriedade de todos os meios de consumo e das matérias-primas e instrumentos (máquinas, fábricas) necessários à sua produção”. E, em uma nota à edição inglesa de 1888 do Manifesto comunista, como “a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios da produção social e empregadores do trabalho assalariado”. A burguesia, enquanto classe economicamente dominante nesse sentido, que também controla o aparelho de Estado e a produção cultural (ver CLASSE DOMINANTE), opõe-se a, e está em conflito com, a CLASSE OPERÁRIA, mas, entre essas “duas grandes classes” da sociedade moderna, há “camadas intermediárias e de transição”, que Marx também chamou de CLASSE MÉDIA. (Cf. O verbete “Burguesia” do *Dicionário do Pensamento Marxista*, BOTTOMORE, 2012, p. 55).

⁷ Embora tenha usado a tradução da Boitempo em todo este artigo, nessa citação específica, optei pela tradução da Contratempo, por expressar melhor aquilo que eu queria elucidar.

armas – os operários modernos, os proletários” (MARX, ENGELS, 2007, p. 46).

Para Marx e Engels, no contexto da escrita do *Manifesto* e tudo que ocorreu na Europa no ano de 1848, a revolução do proletário seria inevitável e o *Manifesto Comunista*, é por assim dizer, um manual para que os trabalhadores compreendessem que a vitória não se daria de forma instantânea, mas lenta e gradual, à medida que eles se mantivessem unidos. O partido comunista alemão pretendia ser o mantenedor e sinal mais visível desta união, expresso na união das diversas ligas que atuam na época, na Europa.

É justo recordar que apesar de se falar em vitória da revolução do proletariado em detrimento da burguesia, isto não se dá nos moldes convencionais, isto é, os “escravos” de hoje se tornarem “senhores” de escravos de amanhã, não em absoluto. É aqui que mora a grande diferença, entre uma revolução e outra. O comunismo propõe um mundo igualitário, sem senhores e sem escravos, onde tudo é e estar a serviço de todos.

Nesta perspectiva, Marx e Engels, após demonstrar que nenhum poder se sustenta a partir das formas desiguais, queriam fazer com que os trabalhadores, lutasse contra a burguesia e seus valores. O comunismo nascente, forjado no interior e pelas mãos da classe trabalhadora, isto é, os proletários, seria o regime que suplantaria a burguesia e também poderia mudar a realidade do mundo capitalista em curso.

11

4. COMUNISTAS E PROLETÁRIOS: UNIÃO DA TEORIA E PRÁTICA

Como já fora mencionado, os barbudos alemães estavam cômicos de que, só seria possível vencer os burgueses, através de uma força que fosse igualmente poderosa. Para eles essa força adivinha dos trabalhadores, os proletários, unidos através das diversas ligas proletárias em toda a Europa. Pois todos os movimentos históricos sempre partiram da minoria ou em favor dela, já o proletariado é diferenciado, pois “... é o movimento autônomo da imensa maioria em proveito da imensa maioria” (MARX, ENGELS, 2007, p. 50). De modo preciso, é neste ponto de partida e de chegada que reside a força motriz do comunismo, pois não representa o ponto de vista de uma classe, mas tende a suprimi-la, enquanto expressão história das lutas de classe.

Marx e Engels estão conscientes que apresentaram a teoria, a escrita, a filosofia e sabem bem que somente isso não bastava, pois sozinha, apesar de bela, permanecia fraca. O poder se encontra potencializado na prática. Portanto, quem melhor que os proletários para cunhar essas mudanças? Por isso, eles afirmaram:

De todas as classes que hoje em dia se opõem à burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes degeneram e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é seu produto mais autêntico (MARX, ENGELS, 2007, p. 49).

A *expertise* dos autores é gigantesca. O *Manifesto Comunista* tem dupla intenção, mas que pode ser resumida em uma: aproximar o partido comunista dos proletários. Marx e Engels notaram um distanciamento entre eles e que este distanciamento favorecia a primazia burguesa capitalista, em detrimento dos proletários. Daí eles deixarem claro: “O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o dos demais partidos proletários: constituição do proletariado em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado” (MARX, ENGELS, 2007, p. 51).

Com estas afirmações, nota-se uma clara tentativa de unificação dessas duas forças, que combinadas seriam capazes de antecipar a queda da burguesia e a ascensão ao poder dos proletários. Marx e Engels pretenderam alargar a visão dos outros partidos proletários para tal conflito. Pensar só nacionalmente era muito pouco, por isso mesmo, os filósofos encerram seu *Manifesto*, conclamando: “PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS” (MARX, ENGELS, 2007, p. 69).

Nisso se justifica essas outras afirmações que se seguirão, também fruto das ideias dos dois jovens materialistas alemães.

Os operários não têm pátria. Não se lhes pode tirar aquilo que não possuem. Como, porém, o proletariado tem por objetivo conquistar o poder político e elevar-se a classe dirigente da nação, torna-se ele próprio nação, ele é, nessa medida, nacional, mas de modo nenhum no sentido burguês da palavra (MARX, ENGELS, 2007, p. 56).

Apesar das pequenas distinções, duas para ser mais claro, difere o partido comunista dos demais partidos. São elas:

1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns dos proletariado, independentemente da nacionalidade; 2) Nas diferentes fases do desenvolvimento por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre em toda parte, os interesses dos movimentos em conjunto (MARX, ENGELS, 2007, p. 51).

É possível e necessária a união destes partidos, pois a concorrência entre si, em nada ajuda a classe operária, mas antes, auxilia e facilita a manutenção da burguesia opressora no poder.

É perceptível e Marx e Engels (2007) inferem que somente deixando crescer o germe comunista no âmago dos movimentos operários, seria possível a ascensão ao poder e, por outro lado, a completa ruína da burguesia. Mas podemos perguntar: porque somente o comunismo é capaz de fazer germinar e alcançar ao apogeu, os operários? A resposta está no *Manifesto*. Lá está escrito: “As proposições teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em ideias e princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo” (MARX, ENGELS, 2007, p. 51-52).

Por isso, as ideias comunistas são as que mais devem ser postas em prática, pois elas exercem uma espécie de primazia sobre as demais inventadas por este ou aquele pensador, filósofo, político e etc. Assim sendo, é também a única ideia, teoria de caráter atemporal, capaz de atravessar gerações, singrar mares, irromper desertos e permanecer vivaz, influente e sempre atual.

5. O *MANIFESTO COMUNISTA* HOJE

Há “verdades” que se consolidaram no tempo que, mesmo passados séculos, é quase que impossível de serem refutadas, a menos que apareçam subversivos que, ingenuamente, se oponham a elas. É verdade, por exemplo, e não havia quem contestasse que, os pobres (proletários) viviam por causa dos ricos (burgueses). Era e continua sendo óbvio, pois basta

observar e verificar-se-á que, esta é uma verdade axiomática⁸. Sem eles – os burgueses – os pobres estariam fadados ao sofrimento perpétuo. Se não existissem os ricos, uma lacuna estaria para sempre aberta e os pobres andariam a esmo.

Esta sempre foi a crença geral e indubitável até o século XX. Acontece que dois jovens alemães se insurgiram contra isso e fez com que as pessoas que viviam e sentiam essa verdade latente, enxergassem que não era bem assim. Marx e Engels estragaram tudo, eles abrogaram essa “lei”, que obviamente, não foi bem aceita pelos detentores da lei ora suprimida, pois esta – a lei - era digna de toda colenda. Steven Pressfiel, no livro *A guerra da arte* (2005), afirma que existe entre os homens um acordo tácito em prol da mediocridade e quem se opõe a este acordo é tido como um traidor. Talvez essa afirmação de Pressfiel explique o motivo dos autores do *Manifesto Comunista* serem considerados tão malditos nos seus dias até o presente momento. Mas uma coisa há de convir, eles soterraram aquela obviedade e puseram outra oposta no lugar. Vale lembrar, uma obviedade revolucionária.

Para tanto, Marx e Engels, criou um sistema de ideias que, ao longo desses quase 170 anos, figuram entre os mais influentes da história. Combinando o estudo das ciências humanas, políticas, econômicas, sociais, aliado à militância revolucionária, Marx e Engels, criaram esse brilhante sistema de ideias e direta e/ou indiretamente, a obra dos dois filósofos alemães, foi capaz de fazer imergir várias vertentes pedagógicas, sociológicas, filosóficas, econômicas e políticas comprometidas com a mudança da sociedade.

O programa do *Manifesto Comunista* é a síntese de uma trajetória teórica e prática, das aspirações e experiências, da organização e luta de uma classe num certo momento. Reflete as

⁸ Axioma. Do grego *axioma*, consideração, estima, opinião, dogma. Diz-se das verdades gerais, aceitas sem discussão ou consideradas evidentes por si próprias, como na Filosofia e na Matemática. *Filos.* Proposição necessária e evidente por si mesma que exprime uma relação geral e constante entre grandezas indeterminadas e serve para demonstrar outras proposições das ciências matemáticas. O axioma é uma proposição *necessária* porque o espírito é incapaz de conceber a proposição contrária, e *evidente*, porquanto desde se enuncia, se concebe como verdadeira. Exemplo: "duas coisas iguais a uma terceira são iguais entre si". Esta proposição, além de necessária e evidente, enuncia uma relação geral e constante entre grandezas indeterminadas. (1) Um outro exemplo de axioma, válido ainda hoje e remontado a Aristóteles, é o princípio da contradição, segundo o qual uma coisa não pode, a um só tempo, ser e não ser. (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [s.d. p.]).

condições da luta de classes naquele longínquo 1848. Assim, é absolutamente datado. Contudo, aquele programa – como todos os programas socialistas – tem uma continuidade, é imantado, aglutinado, pelos mesmos fios invisíveis: a aposta inegociável na liberdade e na justiça, a rejeição absoluta à opressão e aos privilégios, o desejo de universalizar a fruição da beleza e da alegria (PAULA, 2005, p.152).

O sociólogo e cientista político francês, Alain Touraine, no seu artigo no aniversário de 150 anos do Manifesto nos pede:

Releia o “Manifesto Comunista”, de 1848, e você ficará surpreso ao perceber o quanto é atual. Substitua, desde as primeiras páginas, “burguesia” por “globalização” e você reencontrará imediatamente o entusiasmo dos negociantes e financistas de hoje e o poder aparentemente ilimitado das forças econômicas vitoriosas, que destruíram todas as experiências particulares de vida, de cultura, de profissão (TOURAINÉ, 1998).

O que Touraine está dizendo é que Marx e Engels, a partir desta obra, forneceram os instrumentos necessários e evidentes para a compreensão da exploração do homem pelo homem, primeiro em suas diferentes dimensões e, finalmente, mostrando as contradições impostas pelo capital sobre da realidade, que se apresenta como sofrida, exploradora e geradora de morte.

Martins (2017) sobre isto infere:

Este contexto revolucionário que cerca a redação do manuscrito do *Manifesto* é, portanto, primordial, na dinâmica que anima os autores; eles tomam consciência de ser uma “virada histórica” que eles tinham previsto e que ganha forma e concretude neste período. Eles desejam, então, dar conta destes acontecimentos, mas também dar um impulso certo à estas revoluções locais – que, no entanto, não são necessariamente de aspiração comunista e sim nacional, como ocorre na França, na Itália e na Hungria (MARTINS, 2017, p. 4).

Martins (2017) continua discorrendo sobre o contexto e relevância do *Manifesto*.

Estas revoluções, como se sabe, foram severamente reprimidas e todas fracassaram. Apesar disso, o tempo, pós contexto imediato, revelou e continua revelando, que o impacto daqueles movimentos comunistas, somados ao texto do *Manifesto*, continua sendo impactantes em toda sociedade ou meio cultural que deseja realizar uma mudança. O texto do *Manifesto*, para além de sintetizar as ideias do contexto cultural imediato, serve ainda hoje como estímulo para qualquer grupo que queira fazer críticas à sociedade organizada e tradicional (MARTINS, 2017, p. 4).

“Neste sentido, o *Manifesto*, seu programa, seu gesto exemplar, a conclamação à emancipação coletiva, à realização da liberdade são eternos e atualizados a cada geração que se recusa a dizer sim” (PAULA, 2005, p. 152). Sim a um sistema que atormenta, exclui e mata sociedades inteiras, em nome de uma falsa, mas propalada liberdade ancorada unicamente no dinheiro e no lucro a todo e qualquer custo.

Este documento, portanto, é a bússola que, norteou o ideal de uma classe e pode muito bem nortear a sociedade contemporânea em vista da percepção e apreensão desta realidade supracitada e, que no decorrer de todo este artigo buscou-se elucidar, não ao modo de uma apologia ao marxismo e/ou ao comunismo, coisa esta que pode parecer (ao longo destes quase 170 anos da sua publicação, inúmeros pensadores e teóricos já o fizeram), mas tão somente oferecer algumas outras maneiras de pensar, pensar as relações políticas, sociais, econômicas e humanas.

16

6. CONCLUSÃO

Karl Marx, nascido em Trier, Alemanha, em 05 de maio de 1818, descendente de judeus, é considerado o maior pensador do século XX e o mais influente de todos os filósofos e pensadores. As suas ideias e espírito revolucionário permanecem intactas, mesmo depois de mais de um século de sua morte. Amado por muitos, odiado por outros tantos, perseguido por suas opiniões, estigmatizado, execrado, mas antes de tudo de um talento inigualável.

Não se pode, de maneira alguma, esquecer-se da contribuição, ou melhor, da parceria com o seu amigo Engels, que como se sabe, foi companheiro de revolução e militância e co-autor do mais brilhante de todos os documentos político de todos os tempos, o *Manifesto comunista*.

A vida de ambos, porém, esteve longe de ser calma, pacífica e ordeira. Entretanto, a parceria deles representa uma das poucas reservas de autenticidade no mundo que, pensa quase que exclusivamente com a cabeça dos teóricos e pensadores capitalistas.

O *Manifesto Comunista* não tem prazo de validade, não é um produto perecível, está sujeito a correções e atualizações, é verdade. Mas o gênio dos jovens Marx e Engels, e o seu *Manifesto* merecem muito mais a outorga de monumento do que de simples documento. O *Manifesto*, suas letras, palavras e frases continuarão incomodando todos àqueles refutadores que, não leram sequer um capítulo deste documento, bem como dos grandes beneficiários deste sistema que, até o presente momento impera. Por outro lado, continuará inspirando e influenciando todos quanto sonham e lutam para vencer as desigualdades geradas pelo sistema capitalista que gera uma aberração, isto é, "um mundo cercado de pobreza em meio a tantas riquezas". Eis aí o *Manifesto Comunista*, eis a majestosa inspiração revolucionária.

REFERÊNCIAS

17

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MARTINS, Jasson. **Breve Comentário do Manifesto Comunista (1848)**. Vitória da Conquista: 2017, 08/11/2017, 8f. [Texto não publicado].

MARX, Karl. **O 18 do brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. Manifesto Comunista. In: REIS FILHO. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **O Manifesto Comunista 150 anos depois**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. p.07 –41.

PRESSFIELD, Steven. **A guerra da arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PAULA, João Antônio de. A atualidade do programa do *Manifesto*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (ORG.). **O Manifesto Comunista 150 anos depois**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 139-153.

RENAULT, Emmanuel. **Vocabulário de Karl Marx**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TOURAINÉ, Alain. 150 Anos depois da publicação do Manifesto Comunista Opinião de alguns autores. **Um apelo à libertação. Substitua “burguesia” por “globalização” e eis o mundo atual descrito por Marx**. [Textos publicados originalmente no caderno Mais do jornal Folha de São Paulo, 1998].

TROTSKY Leon. Noventa anos do *Manifesto Comunista*. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 87-135.



Pericles Silva Gomes

<http://lattes.cnpq.br/8906070346304651>